

“FAÇA DO LIVRO O SEU MELHOR AMIGO”: UMA HISTÓRIA SOCIAL DAS LIVRARIAS EM CAMPINA GRANDE (1913-1953)

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio*

LIVRARIAS: DA IMPRESSÃO AO COMÉRCIO

As livrarias brasileiras até a primeira metade do século XX não exerciam as funções específicas na comercialização de livros, prestando serviços de papelaria e tipografia, além de algumas venderem variados produtos de uso doméstico (a semelhança de empórios), como velas, chocolates, porcelanas, chás, objetos litúrgicos, de fotografia, entre outros. (MACHADO, 2008, p. 19)

No caso específico de Campina Grande tal realidade era semelhante, contudo não encontramos registros de livrarias especializadas na venda de artigos de uso domésticos, mas sim no comércio de livros e de serviços ligados à papelaria e à tipografia. Entre as livrarias que atuaram na cidade de Campina Grande na primeira metade do século XX, no processo de venda e produção de artefatos impressos destacaremos nesta secção: *a Livraria Moderna, a Livraria Campinense, a Livraria Vilar, a Livraria Pedrosa e a Casa Brazil*. Todas elas, acreditamos, centralizaram o processo de comercialização e em alguns casos também o de produção de artefatos impressos, para o uso no comércio e divulgação de produções intelectuais, como livros, folhetos e jornais.

Nenhuma destas livrarias citadas dedicou-se exclusivamente ao comércio de livros, atuando no ramo de papelaria, sobretudo na venda de todo tipo de material concernente a cultura escrita, desde lápis, papel, canetas, tinteiros, carimbos, revistas, jornais, brinquedos, material escolar e fotográfico. Os livros disputavam assim espaço nas estantes com outros objetos, além de serem comercializados no interior das próprias casas tipográficas.

Algumas das livrarias referidas acima também foram importantes redutos de sociabilidade intelectual em suas épocas (caso principalmente da *Livraria Pedrosa*), portanto, poderiam ser considerados, sob certo aspecto, como círculos intelectuais (conceito já proposto por nós no primeiro capítulo desta dissertação). Entretanto, acreditamos que mais do que lugares de convivência entre letrados, estas livrarias se constituíram formalmente, no que se

* Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Graduado em História e Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Consultor do projeto: Memória e Patrimônio Histórico e Cultural da Indústria (SESI-Pb). E-mail: gaudencio_bruno@yahoo.com.br

refere a sua função primordial, enquanto espaços predominantes de impressão, vendagem e divulgação de livros.

PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

Não sabemos quais foram as primeiras livrarias atuantes na cidade de Campina Grande, no século XIX, ou mesmo antes, visto que não encontramos referência alguma em nossas fontes sobre os lugares de comércio do livro neste período. Realidade compreensível, visto que durante o período oitocentista Campina Grande não possuía traços econômicos e culturais, que viabilizassem um empreendimento como uma livraria. Os poucos letrados residentes na cidade, provavelmente mantinham contatos com livros através de compras em outros centros comerciais, a exemplo do Recife.

O século XIX, segundo Felipe Matos (2008, p. 19), é visto pela historiografia nacional como o momento em que a cultura impressa consolidou-se no Brasil. Por outro lado, os indícios que temos nos levam a pensar que experiência de consolidação ocorresse em Campina Grande a partir da terceira década do século XX, época da proliferação dos gabinetes tipográficos, do aumento do comércio de livros, da fundação de bibliotecas públicas e particulares, de sociedades e academias de letras, de institutos, colégios, entre outras instituições relacionadas à cultura letrada.

Na transição do século XIX para o século XX, os livros eram poucos difundidos nas cidades do interior do Brasil. Sua circulação se dava nos grandes centros, principalmente nas capitais dos estados federativos, cujos cursos universitários faziam parte da realidade do ambiente, a exemplo do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife.

Enquanto objeto de convívio e consumo “de poucos” na sociedade, os “(...) livros representavam importante bem simbólico a ocupar lugar privilegiado no interior das residências, nas estantes, nos gabinetes de trabalho, muitas vezes protegidos à chave nos armários de portinholas envidraçadas” (MATOS, 2008, p. 19). Em escritórios, gabinetes e bibliotecas, os letrados nestes pequenos redutos travavam uma relação íntima com estes objetos, viabilizando aquisições principalmente através de encomendas ou quando viajavam para os grandes centros. No caso de Campina Grande, o Recife era o pouso principal destes intelectuais, ansiosos por terem contato com os lançamentos exaltados nos jornais.

A primeira livraria atuante que temos notícia em Campina Grande foi a *Livraria Campinense*. Sua fundação, não se sabe ao certo, mas Epaminondas Câmara indica o ano de 1913, pertencente ao comerciante Getúlio Amaral (CÂMARA, 1998, p. 85). Em 1915, chegou a pertencer a Lino Fernandes de Azevedo (o mesmo idealizador do *Gabinete de*

Leitura 7 de Setembro). Por outro lado, um ano depois, os comerciantes Tertuliano de Barros e José Ramos, tornaram-se sócios e adquiriram o empreendimento. Localizado na Praça Epitácio Pessoa, 34, centro de Campina Grande, suas ações se davam na venda e na confecção de livros e outros materiais impressos, além de atividades de papelaria, principalmente no comércio de materiais de escritório.

De acordo com reportagem publicada no *Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande*, organizado por José Barros do Amaral em 1925, é possível encontrarmos alguns rastros da importância da livraria no município nas primeiras décadas do século XX, bem como a função estratégica de um dos seus proprietários, o comerciante José Barros Ramos:

Em Campina Grande, um dos bons elementos do seu progresso, é insofismavelmente a “Livraria”. Parecerá original esta afirmativa... mas, para os que conhecem o grande benefício valor da instrução e sabem que em Campina Grande a “Livraria Campinense” tem introduzido algumas toneladas de livros, nos dez anos de sua existência...para esses não há nenhuma dúvida que ela tem sido, de fato, um elemento propulsor do desenvolvimento de nossa terra. (AMARAL, 1925, s/p.)

O autor do texto intitula ainda José Barros Ramos, sócio gerente da livraria, como “o *Garnier de Campina Grande*”¹, deixando bem claro que “O meio intelectual de Campina Grande sabe a dedicada solicitude de José Ramos em importar para sua livraria as últimas e melhores novidades literárias produzidas no país” (AMARAL, 1925: s/p). E ainda declara a matéria que estas novidades trazem “Obras dos grandes escritores antigos: livros ultimamente editados, produção dos jovens escritores, tudo que existe nas boas livrarias do Norte e do Sul (...)” (AMARAL, 1925, s/p)

O fato de chamar de José Barros Ramos como “Garnier de Campina Grande”, destaca a importância da “secção tipográfica da livraria”, onde eram executados “trabalhos perfeitos e, ultimamente, foi confeccionado um belo livro – Horas de Enlevo, poesias do estro científico de Mauro Luna” (AMARAL, 1925, s/p). Chama atenção o fato do estabelecimento, às vezes, ser identificado com o selo da *Tipografia Campinense ou da Livraria Campinense*, e outras vezes, com o nome de *Barros & Ramos Editores*, caso da publicação do livro de versos de Mauro Luna. Por tudo isso é inquestionável o valor da livraria para a história da cultura impressa de Campina Grande: na comercialização de livros e revistas e na prestação de serviços de papelaria e tipografia.

Como afirmamos, em determinadas épocas, as livrarias se tornavam espécies de círculos de intelectuais, redutos de letrados, com ânsias de socializarem seus conhecimentos. Foi o caso da *Livraria Campinense* na década de 1920. Na *Revista Manaíra*, de maio/junho de 1949, o jornalista Egídio de Oliveira Lima relembra o local e suas práticas de convívio

com outros intelectuais: “A Livraria Campinense de T. Barros & Ramos (...) era anfiteatro das reuniões dos intelectuais citadinos enquanto a loja de tecidos de Lino Gomes reunia, diariamente os vultos políticos e as inteligências salientes nas discussões de uns e nos elogios de outros assuntos” (LIMA, 1949, p. 15). A extinção da *Livraria Campinense* teria se dado no ano de 1933; por outro lado, ainda encontramos algumas notas publicadas em jornais ao longo da década de 1930 e livros e plaquetes publicados na década de 1940. Segundo os indícios, a firma se dissolveu com o fim da sociedade dos dois comerciantes. (DINOÁ, 1993, p. 51)

DÉCADAS DE IMPRESSÃO

Entre os anos de 1920 e 1930, se estabeleceram em Campina Grande, outras três importantes livrarias, aliás, duas livrarias, a *Moderna e a Vilar*, e a *Casa Brazil*, que se especializou enquanto distribuidora de periódicos (notadamente revistas ilustradas cariocas). Ambas, acreditamos, constituíram-se, juntamente com a *Livraria Campinense*, as expoentes quanto à circulação de materiais impressos na cidade nas primeiras três décadas do século XX.

As informações caminham para que a inauguração da *Livraria Moderna* tenha ocorrido provavelmente na segunda metade da década de 1920, tendo como empreendedor o Sr. José Faustino Cavalcanti, mas conhecido como Yoyô Cavalcante, comerciante, contador e assíduo personagem nos antigos carnavais campinenses. Localizado na Rua Monsenhor Sales, número 29, centro de Campina Grande, a *Livraria Moderna*, se destacou nos serviços de venda de livros, de papelaria e de tipografia. Durante a nossa pesquisa, podemos visualizar algumas de suas estratégias de propaganda presentes em periódicos, bem como conhecer alguns dos títulos que se destacavam pelo mercado na época, como a nota presente no primeiro número do jornal *Evolução*, de Junho de 1934:

A venda na Livraria Moderna:
Napoleão por Emilio Ludwig
Joseph Fouché por Stefan Zweig
Religião e Pscinalise por Theodor Reik.
(EVOLUÇÃO, 1934, p. 2)

Com o slogan de “*A mais bem organizada livraria da cidade*”, não sabemos quando a *Livraria Moderna* deixou de funcionar, mas encontramos publicidades do estabelecimento até o ano de 1953, limite de nossa delimitação temporal de pesquisa. Neste sentido, acreditamos que a livraria deva ter funcionado até o início da década de 1960 em Campina Grande, quando não encontramos mais referências a livros publicados pelo selo da tipografia.

Em mais uma propaganda, no primeiro número do jornal *Praça de Campina*, encontramos a seguinte texto que nos demonstram as estratégias publicitárias de ambas as livrarias, no que concerne às vendas e serviços prestados:

LIVRARIA MODERNA

A mais bem organizada livraria da cidade

Recebe diariamente do sul do país as últimas novidades em
Literatura – ciência – direito – socialismo – pedagogia – etc.

Excuta com arte e perfeição qualquer serviço tipográfico.
Em tudo que seja concernente a escritório é a que melhor serve.

José Faustino & Filhos
Rua Monsenhor Sales, 29 – Caixa Postal, 46
Campina Grande
Os preços de seus livros são da “casa editora”.
(PRAÇA DE CAMPINA, 1934, p. 2)

Temos assim, a venda de títulos das mais variadas áreas do conhecimento (chama atenção o fato da denominação Socialismo, como gênero ou categoria, uma espécie de sinônimo, na época, de sociologia) e os serviços de tipografia e de escritório. Acreditamos que este último serviço, devido ao intenso comércio que Campina Grande possuía entre as décadas de 1920 a 1940, impulsionado pela exportação algodoeira e vinda de várias lojas, foi o principal campo de atuação de mercado da *Livraria Moderna*, assim como das outras livrarias.²

Ainda nos anos 1930, o fotógrafo e poeta Euclides Vilar, funda em Campina Grande a *Livraria Vilar*. O estabelecimento acaba sendo reconhecido não apenas pela venda de livros, mas principalmente de artefatos fotográficos e outros materiais, como cordéis e revistas. Seu proprietário foi um leitor e colecionador voraz de impressos e um dos principais fotógrafos de Campina Grande.

Editor do *Almanaque de Campina Grande*, publicado em sua primeira versão no ano de 1933, pela Tipografia da Livraria Campinense, Euclides Vilar, vivenciou as precárias condições de seu empreendimento intelectual, unindo-se ao amigo comerciante Lebarre, para criar a *Livraria Vilar*, localizada na Rua Cardoso Vieira, número 19, centro de Campina Grande. Foi na Tipografia Vilar que Euclides editou o segundo número do almanaque para o ano de 1934. A iniciativa tipográfica não logrou êxito como imaginaram seus empreendedores. Poucos anos depois as ações no campo impresso quase levariam à falência o poeta e fotógrafo Vilar, que voltou a focalizar apenas suas atividades na área da fotografia. (PIMENTEL, 1958, p. 257e 258; AZEVEDO, 1955, p. 3)

Dos lugares de circulação dos objetos impressos (livros, jornais, revistas, etc.), chama atenção as várias alusões na imprensa de Campina Grande ao estabelecimento comercial *Casa Brazil*, principalmente a partir da década de 1930. De todas as livrarias, foi a maior anunciadora de suas atividades comercializadas por meio da publicidade em jornais, seja como vendedora de livros e periódicos, ou como agenciadora de revistas, além de serviços de papelaria e tipografia.

Pertencente a Cícero Brazil, a *Casa Brazil* localizava-se na Rua Cardoso Vieira, número 41, centro de Campina Grande, todavia, possuía uma filial na Rua Maciel Pinheiro, no *Líder Bar*, ponto estratégico, onde se acumulava parte da elite econômica e intelectual da cidade. Em uma das matérias publicadas na imprensa campinense, comprovamos os meios de divulgação dos materiais impressos na comercialização no estabelecimento:

A CASA BRASIL, livraria, papelaria e tipografia, teve a gentileza de remeter-nos os últimos números das revistas cariocas; Fon-Fon, O Malho, Carêta, Jornal das Moças, Tico-Tico e A Noite Ilustrada, que vem repletas de ilustrações dos fatos mais recentes ocorridos no Rio e S. Paulo e no resto do mundo.

A CASA BRASIL, vem de receber, também, um sortimento magnífico de novidades literárias, científicas e religiosas, editadas pelas casa mais importantes do sul do país.

As pessoas que lêem e devem ler, recomendamos procurar a CASA BRASIL, na rua Cardoso Vieira, e a sua filial junto ao Líder Bar, na Maciel Pinheiro. (VOZ DA BORBOREMA, 1937, p. 5)

Entre as atividades ligadas ao impresso, foi enquanto agência de jornais e revistas, que a *Casa Brazil* se especializou na cidade de Campina Grande, na difusão de revistas de variedades “do sul do país”– algumas lembradas até hoje como *A Careta*, a *Revista da Semana*, a *Fon Fon*, o *Jornal das Moças*, *A Noite Ilustrada*, *Vida Doméstica*, *O Malho*, *Suplemento Juvenil*, entre outras.

UM MARCO DAS LIVRARIAS CAMPINENSES

De todas as livrarias, não há dúvida que a mais importante da história de Campina Grande foi a *Livraria Pedrosa*. Fundada no ano de 1946, pelo livreiro e poeta José Pedrosa, sua atuação marcou o imaginário de muitos letrados campinenses, sendo expressos em crônicas, reportagens e relatos de memórias, espalhados em livros ao longo da segunda metade do século XX.

Localizado na Rua Maciel Pinheiro, 262, a *Livraria Pedrosa*, já no final década de 1940, realizava as atividades de livraria, papelaria, tipografia e pautação. Em 1949, a empresa estruturou uma oficina gráfica, “com máquina automática ultramoderna ‘Heidelberg’” (REVISTA ARÍUS, 1952, p. 28), o que possibilitou a sua entrada no mercado de publicação

de livros na região. No mesmo ano publicou “Província, essa esquecida”, livro de Lopes de Andrade; um ano depois, em 1950, saiu “Dois poetas”, obra de Cristino Pimentel (ANDRADE, 1949; PIMENTEL, 1950). Ao longo das décadas de 1950 e 1960 intensificou suas publicações com dezenas de livros, relatórios e plaquetes publicadas.

Conhecida pelo seu slogan: “Faça do livro o seu melhor amigo”, já nos finais da década de 1940, José Pedrosa, inovou no modo de divulgação de seu estabelecimento, produzindo um programa na *Rádio Borborema*, aos domingos, às 18 horas, apresentada pelos jornalistas Gil Gonçalves e Hilton Mota. O programa trazia informações sobre os lançamentos do mercado, além de comentários sobre autores e editoras, expondo de maneira atraente aspectos das narrativas e poemas dos livros enfocados. (FILHO, 2003, p. 6)

Nascido na cidade pernambucana de Timbaúba, no dia 02 de janeiro de 1914, José Cavalcanti Pedrosa veio junto com sua família para Campina Grande, em 1925. Iniciou as suas atividades no comércio de livros trabalhando na *Livraria Moderna*, de propriedade de seu tio Yoyô Cavalcanti, no ano de 1933. A livraria já referenciada nesta mesma narrativa, funcionava no antigo Beco do 31. (FILHO, 2003, p. 6)

Pedrosa, em pouco tempo, torna-se gerente da citada firma. Com conhecimentos adquiridos com a experiência da *Livraria Moderna*, fundou a *Livraria Pedrosa*. Com a ampliação do mercado, indo além da venda de livros, em 1953, inaugura o Edifício do Livro, considerado um importante marco e empreendimento na área das artes e da literatura em Campina Grande.

Em 1949, houve um avanço considerável da Livraria Pedrosa. Em uma longa reportagem publicada no jornal *O Rebate*, de 4 de outubro de 1949, intitulada: “Livraria Pedrosa: a serviço da educação e da cultura em Campina Grande”, temos um impressionante relato estatístico do comércio de livros no município. Logo de início o redator afirma: “A estatística prova com números maravilhosos que o progresso de Campina Grande é todo setor de sua vida econômica social e intelectual” (O REBATE, 1949, p. 3). E escreve com toda a empolgação: “Na atividade comercial, Campina suplanta várias capitais do nordeste, pelo dinamismo no trabalho e pelo arrojo de sua indústria, sendo este, uma consequência única de iniciativa privada, que não poupa esforços pelo engrandecimento da terra”. (O REBATE, 1949, p. 3)

Dentro de um ideário progressista temos ainda a afirmativa do autor da reportagem: “Na vida sociocultural, dia a dia aumenta o seu conceito como cidade civilizada e progressista”. Tal contexto teria a grande colaboração de José Pedrosa, com a criação da Livraria anos atrás. Baseado no relato do próprio livreiro, a reportagem salienta que no ano de

1933, “Campina Grande (...) era uma lástima em se falando sobre o movimento do livro, em literatura, direito e medicina e mesmo didático”. Na concepção de Pedrosa, haveria “um verdadeiro desprezo por aquele comércio, um descaso que causava tristeza”. (O REBATE, 1949, p. 3)

Partindo para um relato que prioriza a estatística, a reportagem procura revelar o aumento considerável no comércio do livro na cidade ao logo das décadas de 1930 e 1940:

Vejamos o que dizem os algarismos: do ano de 1934 ao ano de 1940, foram vendidos em Campina 3.456 livros de vários assuntos e especialidades.

De 1940 a 1945, houve um aumento aproximadamente 2.000 volumes, foram vendidos 5.780.

De 1946 até junho deste ano de 1949, três anos apenas de atividade da Livraria Pedrosa, foram vendidos em seus balcões 9.876 livros de literatura, direito e medicina e mais 12.500 didáticos, perfazendo o total de 21.876 volumes em menos de três anos completos. (O REBATE, 1949, p. 3)

Não sabemos, ao certo, de onde vieram estes dados que alimentaram a reportagem, apesar de desconfiarmos que foram trazidos pelo próprio José Pedrosa através de relatórios da época em que era gerente da *Livraria Moderna* e comparados com os dados do momento da matéria, quando de sua atuação como proprietário da Livraria Pedrosa. Por isso, acreditamos que estes dados não são compostos pelos números de vendas em livros de outras livrarias, como a *Campinense*, *Casa Brazil*, *Livraria Vilar* e outros estabelecimentos que também negociavam com o livro nestas mesmas décadas.

Chama atenção, ainda na mesma reportagem, um tópico intitulado “Secção Comercial”, no qual o repórter do jornal *O Rebate* enfatiza a importância para o desenvolvimento regional da atuação econômica da *Livraria Pedrosa*, nos servindo de uma fala de Nilo Pereira, escritor e jornalista, secretário do governador de Pernambuco no período Barbosa Lima Sobrinho.

Em sua estada em Campina Grande o Dr. Nilo Pereira, (...) fez uma visita especial a Livraria Pedrosa da qual teve a mais lisonjeira impressão. Na Folha da Manhã de 27-9-1949 assim se expressou o ilustre homem de letras: “Campina Grande é um centro de estudos, de pesquisa, de interesse cultural, como nem toda parte se encontra. A Livraria Pedrosa merece um registro especial como núcleo de convergência dos intelectuais da terra e pelo estímulo que, vem trazendo aos escritores e poetas, sendo uma editora em bom começo. Lopes de Andrade editou na Pedrosa seu discurso de posse na Academia Paraibana de Letras. Visitei as instalações da Livraria Pedrosa; e posso dizer que se trata de um empreendimento á altura do meio, ali terá que nascer uma grande editora; e será o veículo natural de expansão da cultura campinense. (O REBATE, 1949, p. 3)

Além de ser um sucesso na comercialização de livros, a *Livraria Pedrosa* ficou bastante conhecida por ser um reduto de intelectuais durante várias décadas em Campina

Grande. Foi lá que nomes como Raymundo Asfora, Cristino Pimentel, Nilo Tavares, entre outros, criaram ou aumentaram os seus laços de amizade, envolvendo-se em debates acalorados sobre literatura, política, filosofia, etc. Em cinco décadas de atuação, que vão de 1946 a 1999, a livraria acolheu também a presença de importantes lançamentos de obras dos mais consagrados autores nacionais, como Jorge Amado, Gilberto Freyre, Juarez Távora, José Conde, Mauro Motta, dentre outros. (FILHO, 2003, p. 11)

Além das livrarias citadas, existiram outros espaços de comercialização de artefatos impressos, a exemplo da *Livraria Cruzeiro* e da agência *O Mundial*³, que negociavam com romances, carimbos, periódicos, entre outros materiais de escritório (MELO E GAUDÊNCIO, 2008, s/p) . Possivelmente outros tantos lugares chegaram a oportunizar a venda destes produtos impressos, muitos funcionaram por poucos anos; algumas deixaram de existir puramente por questões financeiras, por não se sustentarem devido as disputas de mercado, - outras por questões ideológicas, a exemplo da *Livraria do Povo*, instalada em Campina Grande por Félix Araújo, em 1946, no saguão do edifício do Banco do Comércio, na Rua João Pessoa. Devido à atuação do jornalista e poeta no Partido Comunista Brasileira (PCB), em Campina Grande, em uma manhã do mesmo ano o estabelecimento foi encontrado invadido e destruído, estantes quebradas e livros queimados. (CAVALCANTE NETO, 2006, s/p).

Referencias Bibliográficas

- ANDRADE, José Lopes de. *Província, essa esquecida*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1949.
- CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. Campina Grande: Caravela, 1998.
- CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. *O PCB paraibano no imaginário social: o caso Félix Araújo na fase da “redemocratização” (1945-1953)*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Sociedade. Campina Grande: UEPB, 2006.
- DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. Volume 1. João Pessoa: A União, 1993.
- FILHO, Francisco Maria. *Faço do seu livro o seu melhor amigo. Homenagem a José Pedrosa, o livreiro de Campina*. Campina Grande; Prefeitura Municipal, 2003.
- MACHADO, Ubiratan. *Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- MATOS, Felipe. *Sob os auspícios da livraria Rosa: redutos literários e circulação de cultura letrada em Florianópolis*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2008.

MELO, Josemir Camilo de; GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. A dama da academia: uma metabiografia de Leônia Leão. *In: Anais da XXV Simpósio Nacional de História*. Fortaleza, 2008.

PIMENTEL, Cristino. *Dois poetas*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1950.

_____. *Pedaços da História de Campina Grande*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1958.

Fontes

Jornais e Revistas:

AMARAL, José (Org). *Álbum Industrial e Comercial de Campina Grande*. Organização de José Barros do Amaral. Parahyba: Imprensa Industrial, 1925.

AZEVEDO, Antídio de. Euclides Vilar. *Revista Ariús*, Ano III, 30 de Janeiro de 1955.

Evolução, Ano I, nº1, de 17 de Junho de 1934.

Jornal de Campina, Ano I, nº25, Abril de 1953.

LIMA, Egídio de Oliveira. Campina e um mestre de três gerações. *Revista Manaíra*, Ano X, nº63, maio e junho de 1949.

Praça de Campina, Ano I, nº1, de 30 de Setembro de 1934.

O Rebate, Ano XIX, nº766, 4 de outubro de 1949.

Revista Ariús, Ano I, nº1, 10 de outubro de 1952.

Voz da Borborema, Ano I, Nº 6, 04 de Agosto de 1937.

Notas

¹ Referência ao livreiro e editor francês *Baptiste Louis Garnier*, fundador da Livraria e da Editora mais importante do Rio de Janeiro entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Ponto de encontro dos intelectuais do período, a exemplo de Machado de Assis e José de Alencar. Sua fama era nacional, chegando a publicar boa parte dos medalhões da literatura brasileira da época.

² Ao observarmos os materiais impressos publicados em Campina Grande, entre ensaios, poemas, relatórios, pareceres, estudos, em plaquetes, folhetos e livros, identificamos um número considerável de publicações de relatórios técnicos ou pareceres jurídicos, do que propriamente obra de cunho literário. Este aspecto será tratado mais a frente, neste mesmo capítulo.

³ Identificamos em alguns periódicos, a exemplo da revista *Shimmy*, pertencentes ao fotógrafo e poeta Euclides Vilar, carimbos desta agência localizada na Rua Cardozo Vieira, 27, sendo responsável Irineu da Fonseca, na qual se vendia loterias, revistas, figurinos, jornais, romances, artigos escolares, artigos de escritórios, cartões postais, carimbos de borrachas e estampas.